

Orquestra Gulbenkian

Giancarlo Guerrero
Antonio Meneses



GULBENKIAN
MÚSICA

11 out 2019



Orquestra Gulbenkian Giancarlo Guerrero Maestro

Antonio Meneses Violoncelo

Eduarda Melo Soprano

Daniel Binelli Bandoneón

Roberto Sierra

Fandangos

Marlos Nobre

Concerto para Violoncelo e Orquestra, op. 127*

Con fuoco

Estático – Molto Lento

Vivo

INTERVALO

Heitor Villa-Lobos

Bachianas Brasileiras, n.º 5

Ária (Cantilena): Adagio

Dança (Martelo): Allegretto

Astor Piazzolla

Sinfonía Buenos Aires, op. 15

Moderato – Allegretto

Lento, con anima

Presto marcato

* Estreia em Portugal. Encomenda no âmbito SP-LX

– Música contemporânea do Brasil e de Portugal

Este concerto é gravado pela RTP – Antena 2

Duração total prevista: c. 1h 45 min.

Intervalo de 20 min.

IMAGEM DE CAPA: GIANCARLO GUERRERO © TONY MATULA

MECENAS
MÚSICA E NATUREZA

THE
NAVIGATOR
COMPANY

MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA

VIA VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO

SANTA
CASA
Mecenado de Lisboa. Por boas causas.

MECENAS
CICLO PIANO

pwc

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA

BPI

Roberto Sierra

Fandangos

COMPOSIÇÃO: 2000

ESTREIA: Washington, 28 de fevereiro de 2001

DURAÇÃO: c. 12 min.

O fandango é uma dança popular espanhola cujos primeiros registos datam do século XVIII. Associado à Andaluzia, foi rapidamente integrado em peças teatrais e transportado para as colónias americanas, onde foi transformado, originando variantes locais que gozaram de grande popularidade. O compositor porto-riquenho Roberto Sierra estilizou essa dança a partir dos célebres *fandangos* setecentistas de Antonio Soler e Luigi Boccherini. Residentes em Espanha, estes desempenharam um papel central em adaptar os géneros locais a contextos distintos como a música para teclado e a música de câmara. Tendo estudado em Porto Rico e na Alemanha, Sierra apresenta o encontro entre a Europa e as Américas adaptando à orquestra técnicas associadas à guitarra andaluz, sempre pontuadas pelas típicas castanholas, e recorrendo a instrumentos de percussão característicos do mundo latino-americano. Composta em 2000, a obra *Fandangos* resultou de uma encomenda do maestro Leonard Slatkin, então diretor da National Symphony Orchestra e foi estreada em Washington a 28 de fevereiro de 2001. Apesar da forte presença do passado, ubíqua no recurso a uma ideia melódica e rítmica que ecoa na música de Soler, *Fandangos* é uma elaboração livre desses materiais. Assim, apresenta-se como uma atualização do género fantasia, tão importante na música instrumental do Renascimento e do Barroco ibéricos. Sierra mistura células

Vega Baja, Porto Rico,
9 de outubro de 1953



ROBERTO SIERRA © DR

do passado, trabalhando-as e desenvolvendo-as como elementos de uma estrutura periódica repetitiva, com técnicas desenvolvidas na segunda metade do século XX, criando uma interessante trama contrapontística. Assim, a inspiração no século XVIII funciona como um pretexto para um trabalho motivico variado e contrastante. A obra tem início com uma introdução que prepara a entrada dos ritmos de dança sobre uma harmonia recorrente em toda a peça, a qual é interpolada por curtas e contrastantes passagens numa linguagem musical da contemporaneidade. Neste contexto, Sierra apresenta uma obra marcante pela sua vivacidade rítmica cujo impacto cénico é intensificado através do recurso a uma orquestração exuberante que funde Europa e Américas, passado e presente.

Marlos Nobre

Concerto para Violoncelo e Orquestra, op. 127

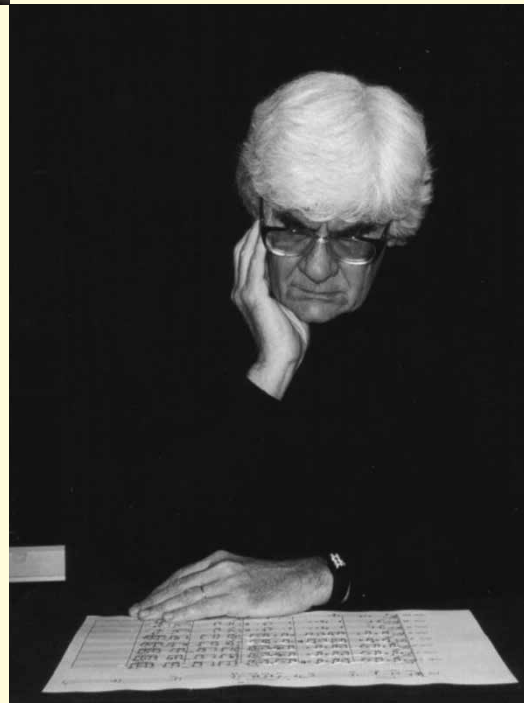
COMPOSIÇÃO: 2019

ESTREIA: São Paulo, 1 de agosto de 2019

DURAÇÃO: c. 32 min.

Este *Concerto* foi escrito entre janeiro e março de 2019. A encomenda de uma obra pensando especialmente no intérprete que faria a primeira audição, no caso o grande violoncelista Antonio Meneses, além da Osesp, orquestra com a qual tenho uma relação muito especial, junto às demais orquestras parceiras na co-encomenda da obra, foram o estímulo primordial deste *Concerto*. Como sempre acontece comigo, a primeira etapa é a de encontrar o impulso inicial e depois a concepção global da obra.

MARLOS NOBRE © DR



Recife, Brasil, 18 de fevereiro de 1939

Vencedor do Prémio Tomás Luís de Victoria como o maior compositor da América Latina na atualidade pelo conjunto da obra, foi Professor Visitante das Universidades de Yale e de Indiana (EUA) e Presidente do Conselho Internacional de Música da UNESCO.

Este é um trabalho que sempre faço mentalmente, anotando algumas ideias e a forma geral da obra. Este trabalho exclusivamente mental eu elaboro sem qualquer ajuda de instrumento e nasce, de certa forma, da primeira ideia. Quando esta se solidifica mentalmente passo a anotar, de forma frenética, as principais linhas da partitura. Concebi a obra imediatamente em três movimentos, o primeiro *Con fuoco*, o segundo *Estático-Molto Lento*, e o terceiro *Vivo*, portanto um esquema clássico da forma. Poderia definir o primeiro movimento como essencialmente dramático, o segundo lírico e o terceiro virtuosístico. Nada entretanto posso, de maneira formal e descritiva, dizer da real composição. Desde muito tempo, já, eu utilizo dois métodos muito claros em meu trabalho: 1) a improvisação mental, durante a qual eu anoto rapidamente todo o material; 2) a realização pela escritura, da obra imaginada. Por outro lado é, para mim, realmente impossível analisar friamente nesta etapa o trabalho feito. Há uma constante oscilação em minha mente entre um estado de concepção quase cerebral, praticamente objetiva, misturada a um outro estado de alucinação sonora, alucinação muito controlada, devo acrescentar. Na concepção deste *Concerto* eu parti inicialmente do plano subjetivo, não tão controlado, escrevendo de forma quase alucinante, toda a obra. Após esta fase vem, depois de um repouso mental, a análise eu diria quase fria e extremamente objetiva do material. Começo então realmente a compor a obra em seus detalhes tanto na micro como na macro-estrutura. Esta última etapa é ao mesmo tempo de crítica e criação. MARLOS NOBRE

Heitor Villa-Lobos

Rio de Janeiro, 5 de março de 1887
Rio de Janeiro, 17 de novembro de 1959

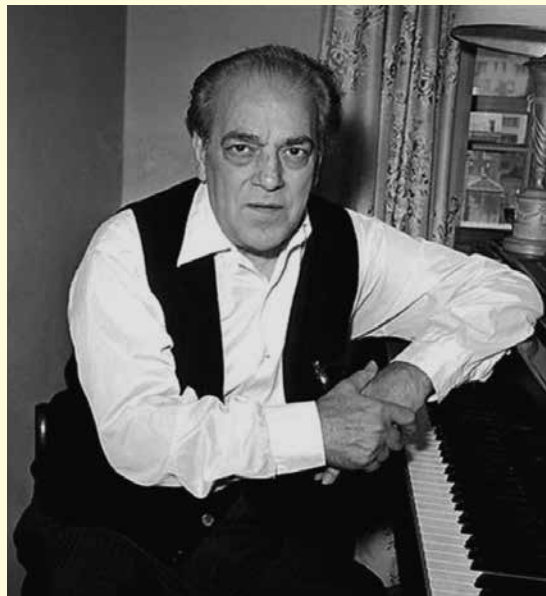
Bachianas Brasileiras, n.º 5

COMPOSIÇÃO: 1938 / 1945
ESTREIAS: *Ária* – 1939 / *Dança* – 1945
DURAÇÃO: c. 9 min.

A música do século XVIII europeu é também o suporte das *Bachianas Brasileiras* de Heitor Villa-Lobos. Escritas entre 1932 e 1945 para um efetivo musical variado, essas obras inspiraram-se em elementos rítmicos, melódicos e harmônicos da música de Bach, e misturaram-nos com elementos da música popular brasileira. Nesse período alargado, um golpe militar colocou Getúlio Vargas no poder no Brasil, onde se manteve até à sua renúncia em 1945. A promoção de um modernismo de cariz nacionalista foi um dos aspetos culturais mais marcantes da Era Vargas, intensificando e adaptando tendências estéticas desenvolvidas na década de 1920. Nesse contexto, reuniram-se escritores e folcloristas como Oswald de Andrade e Mário de Andrade, que indicaram o caminho a seguir pelas outras artes. Paralelamente, Villa-Lobos desempenhou um papel central no desenvolvimento da educação musical no Brasil durante o Estado Novo, regime que durou de 1937 a 1945 e que coincidiu, praticamente, com a escrita da *Bachiana Brasileira n.º 5*. A obra foi escrita para soprano e ensemble de violoncelos entre 1938 e 1945 e é uma das peças mais conhecidas da música erudita brasileira. Tal como nas outras *Bachianas*, Villa-Lobos inspirou-se na *suite* barroca, estilizando elementos da cultura popular brasileira. O primeiro andamento, *Ária (Cantilena)* evoca a atmosfera melancólica das modinhas luso-brasileiras do final do século XVIII e do início

do século XIX. Em forma ABA, as secções extremas baseiam-se numa linha melódica sinuosa e quase operática sobre um acompanhamento esparso dos violoncelos, enquanto que a secção B remete para o registo do recitativo. O poema é da autoria de Ruth Valadares Corrêa, a cantora que estreou esse andamento a 25 de março de 1939. O segundo andamento, estreado em 1945, consiste numa dança viva interpolada por secções intermédias contemplativas. *Dança (Martelo)* evoca os géneros poéticos cultivados pelos repentistas nordestinos e registados na literatura de cordel. Aqui, Mário de Andrade empregou os conhecimentos de folclorista na conceção de um texto em versos decassilábicos que Villa-Lobos enfatiza a partir de um *ostinato* que acumula e dissipa tensão. A rusticidade nordestina é misturada com uma abordagem neobarroca evocativa do trabalho de compositores como Igor Stravinsky.

HEITOR VILLA-LOBOS © DR



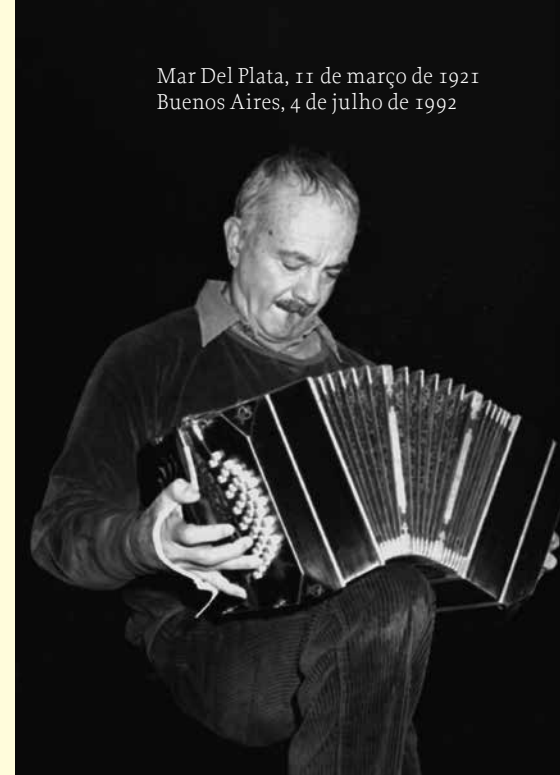
Astor Piazzolla

Mar Del Plata, 11 de março de 1921
Buenos Aires, 4 de julho de 1992

Sinfonía Buenos Aires, op. 15

COMPOSIÇÃO: 1951
ESTREIA: Buenos Aires, 16 de agosto de 1953
DURAÇÃO: c. 26 min.

A transformação operada no tango por Astor Piazzolla assentou na sua formação erudita e jazzística. Nascido na Argentina, acompanhou a sua família a Nova Iorque, onde se destacou enquanto menino-prodígio do bandoneón. Regressado a Buenos Aires em 1937, reintegrou-se no meio da música popular, compondo, tocando e fazendo arranjos para agrupamentos famosos. Em paralelo, Piazzolla teve aulas com o compositor argentino Alberto Ginastera, o que contribuiu para a sua adaptação do tango, género musical urbano, às salas de concerto. A *Sinfonía Buenos Aires*, op. 15, é uma das obras mais marcantes do período de formação do compositor, refletindo um período de experimentalismo criativo de Piazzolla quando este se encontrava mais próximo do modernismo erudito. Terminada em 1951, ganhou o prémio Fabián Sevitsky em 1953, que consistia numa bolsa de estudos para aperfeiçoamento musical na Europa. Dessa forma, Piazzolla seguiu para Paris, onde estudou com Nadia Boulanger. A sinfonia foi estreada em Buenos Aires a 16 de agosto de 1953, tendo a inclusão do bandoneón numa obra sinfónica causado algum escândalo. Um aspeto a destacar é a orquestração, que usa o colorido orquestral de forma a enfatizar os grandes contrastes sonoros. O primeiro andamento tem início com uma introdução vertical e solene em acordes paralelos, à qual se seguem breves solos de instrumentos de sopro. Seguidamente, o padrão rítmico característico do tango é apresentado,



ASTOR PIAZZOLLA © JAUN SANDOVAL

suportando os jogos de pergunta e resposta dos vários naipes da orquestra e a constante troca de melodias. Adensando a textura e aumentando a intensidade, Piazzolla encarregou o bandoneón de conduzir uma melodia que remete para o tango cantado, pontuada pelos instrumentos de bocal. O andamento termina com um breve retorno ao material da introdução. O lirismo *cantabile* do *Lento, con anima*, é protagonizado pelos solos dos instrumentos de sopro e do bandoneón, interpretando longas linhas melódicas que contrastam com a percussividade do andamento seguinte. O final, em forma ABA, é dominado pelas acentuações do tango e pela percussividade, reforçados pelo colorido orquestral. Aí, as secções extremas são marcadas pela vivacidade rítmica, intensificada pelas fortes acentuações, o que contrasta com um interlúdio contemplativo.

NOTAS DE JOÃO SILVA



© TONY MATILIA

Giancarlo Guerrero

Maestro

Giancarlo Guerrero cumpre atualmente a décima primeira temporada como Diretor Musical da Orquestra Sinfónica de Nashville. É também Diretor Musical da Filarmónica de Wrocław, na Polónia, e Maestro Convidado Principal da Orquestra Gulbenkian. Nasceu na Nicarágua, mas emigrou para a Costa Rica na infância. O seu talento musical permitiu-lhe estudar percussão e direção de orquestra nos Estados Unidos da América, tendo obtido o grau de Mestre em Direção de Orquestra pela Northwestern University. Ao longo da sua carreira, foi distinguido com seis prémios *Grammy*. Para além de dirigir as principais orquestras norte-americanas, é também uma presença regular à frente das grandes orquestras europeias. No domínio da ópera, dirigiu produções de *Carmen*, *La bohème* e *Rigoletto* na Ópera Lírica da Costa Rica. Estreou-se na Ópera de Houston em 2015, tendo então dirigido *Madama Butterfly*. Os seus compromissos na presente temporada incluem, entre outras, novas atuações com a Sinfónica de Boston, a Sinfónica do Estado de São Paulo, a Sinfónica de Bamberg e a Sinfónica da Nova Zelândia. Giancarlo Guerrero dedica-se também com entusiasmo às orquestras de jovens, colaborando com o Curtis Institute of Music (Filadélfia), a Colburn School (Los Angeles), a Yale Philharmonia e a National Youth Orchestra (Nova Iorque), tutelada pelo Weill Music Institute of Carnegie Hall.



© CLIVE BARDA

Antonio Meneses

Violoncelo

Antonio Meneses nasceu em 1957 em Recife, no Brasil, no seio de uma família de músicos. Começou a estudar violoncelo aos dez anos de idade e aos dezasseis conheceu o italiano Antonio Janigro, famoso violoncelista de quem foi aluno em Düsseldorf e Estugarda. Em 1977 venceu o Concurso Internacional ARD, em Munique, e em 1982 recebeu o 1.º Prémio e a Medalha de Ouro no Concurso Tchaikovsky, em Moscovo. Ao longo da sua carreira, apresentou-se com as mais prestigiadas orquestras mundiais nos principais palcos da Europa, das Américas e da Ásia, em colaboração com maestros de renome internacional. Dedicado músico de câmara, foi membro do lendário Beaux Arts Trio durante dez anos (1998-2008). Realizou também digressões com o Quarteto Vermeer e apresentou-se em recitais com os pianistas Menahem Pressler e Maria João Pires. Ao longo das últimas duas décadas, tem-se apresentado com regularidade no palco da Fundação Gulbenkian. Antonio Meneses realizou duas gravações com o maestro Herbert von Karajan e a Orquestra Filarmónica de Berlim. Destacam-se ainda gravações integrais das obras para violoncelo de H. Villa-Lobos, David Popper e C. P. E. Bach, as Suites para Violoncelo solo de J. S. Bach, peças para violoncelo e piano de Schubert e Schumann, e ainda o CD dedicado aos Concertos para Violoncelo de E. Elgar e H. Gál, que foi nomeado para um *Grammy*. Antonio Meneses é professor no Conservatório de Berna.



© DR

Eduarda Melo

Soprano

Formada em Canto pela ESMAE do Porto, Eduarda Melo integrou o Estúdio de Ópera da Casa da Música e o elenco do prestigiado CNIPAL em Marselha. Foi galardoada com o 2.º Prémio do Concurso Internacional de Toulouse. É convidada a participar regularmente em festivais na Europa e a apresentar-se em prestigiados palcos de ópera como os de Glyndebourne, Marselha, Lille, Nice, Caen, Dijon e Paris. No domínio lírico ou em concerto, cantou sob a direção de maestros de renome como Marc Minkowski, Jérémie Rohrer, Ton Koopman, Hervé Niquet, Jean-Claude Casadesus ou Antonello Allemandi. No domínio da ópera, destacam-se os papéis de Irmã Constance (*Dialogues des Carmélites*), Corinna (*Il viaggio a Reims*), Rosina (*O barbeiro de Sevilha*), Elvira (*L'italiana in Algeri*), Norina (*Don Pasquale*), Musetta (*La bohème*), Despina (*Così fan tutte*), Primeira-dama (*A flauta mágica*), Rinaldo (*Armida* de J. Mysliveček), Stéphanie (*Romeu e Julieta*), Frasquita (*Carmen*), Gabrielle (*La vie parisienne*), Valencienne (*A viúva alegre*), Spinalba e Fedra (*La Spinalba e L'ippolito*, de F. A. de Almeida), Ascanio (*Lo frate 'nnamorato*), Zemina (*As Fadas* de Wagner), Vespina (*L'infedeltà delusa* de Haydn) e Elle (*La voix humaine*). No âmbito da música contemporânea, participou em criações de António Pinho Vargas, Nuno Côrte-Real, Luís Tinoco e Nuno da Rocha. Colabora regularmente com Le Concert de la Loge (Julien Chauvin), Divino Sospiro e Ludovice Ensemble.



© PETER SCHAAF

Daniel Binelli

Bandoneón

Daniel Binelli é um mestre do bandoneón e um dos expoentes da música de Astor Piazzolla. Em 1989 juntou-se ao Sexteto Nuevo Tango de Piazzolla, com o qual realizou várias digressões internacionais. Como solista, apresentou-se com muitas orquestras, incluindo as Sinfónicas de Filadélfia, Atlanta, Virgínia, Sidney, Montreal, Otava, São Petersburgo e Zurique, tendo colaborado com maestros como Charles Dutoit, Lalo Schiffrin, Franz Paul Decker, Giancarlo Guerrero, Robert Spano, JoAnn Faletta, Giselle Ben Dor, Isaiah Jackson, Michael Christie, Lior Shambadal e Daniel Schweitzer, entre outros. Dirigiu a ópera-tango *María de Buenos Aires*, de Piazzolla, com a cantora italiana Milva. Atuou com a pianista Polly Ferman e com o guitarrista Eduardo Isaac. Daniel Binelli é também compositor, tendo criado obras para instrumentos solistas, conjuntos de câmara e orquestrais e música para ballet e cinema. A sua versatilidade permite-lhe trabalhar com diferentes linguagens musicais, desde o estilo do tango tradicional até ao contemporâneo. Entre as orquestras e outros agrupamentos que lhe encomendaram novas composições e arranjos incluem-se a Sinfónica do Tonhalle de Zurique, a Sinfónica de Edmonton, a Filarmónica de Buffalo, a Filarmónica de Montevideu, a Sinfónica da Colúmbia, a Buglisi-Foreman Dance Company, a Tango Metropolis Company, a Glamour Tango Company e a Orquestra Típica Osvaldo Pugliese.

Orquestra Gulbenkian



Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de cinquenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de sessenta instrumentistas que pode ser pontualmente expandido de acordo com as exigências de cada programa de concerto. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório que se estende do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas tradicionais, nomeadamente a produção orquestral de Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn ou Schumann, podem ser dadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório Gulbenkian, em Lisboa, em cujo âmbito tem tido ocasião de colaborar com alguns dos maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos em diversas localidades do país, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, por sua vez, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo até agora efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. Lorenzo Viotti é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Giancarlo Guerrero é Maestro Convidado Principal, Leonardo García Alarcón é Maestro Associado e Nuno Coelho é Maestro Convidado.

Lorenzo Viotti Maestro Titular
Giancarlo Guerrero Maestro Convidado Principal
Leonardo García Alarcón Maestro Associado
Nuno Coelho Maestro Convidado

PRIMEIROS VIOLINOS

Jan Orawiec *Concertino Principal**
Francisco Lima Santos
1.º Concertino Auxiliar
Bin Chao *2.º Concertino Auxiliar*
António José Miranda
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
David Wahnon
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Otto Pereira
Tamila Kharambura*
David Ascensão*
Mafalda Rodrigues*
Tomás Costa*

SEGUNDOS VIOLINOS

Alexandra Mendes *1.º Solista*
Jordi Rodriguez *1.º Solista*
Anna Paliwoda *1.º Solista**
Cecília Branco *2.º Solista*
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Maria José Laginha
Luciana Cruz*
Flávia Marques*
Félix Duarte*
Miguel Simões*
Joana Weffort*
David Bento*
Rui Cristiano*

VIOLAS

Samuel Barsegian *1.º Solista*
Lu Zheng *1.º Solista*
Leonor Braga Santos *2.º Solista*
Christopher Hooley
Maia Kouznetsova
Artur Mouradian*
Leonor Fleming*
Nuno Soares*
Chiara Antico*
Precilia Diamantino*
Bárbara Pires*
Milan Radojac*

VIOLONCELOS

Varoujan Bartikian *1.º Solista*
Marco Pereira *1.º Solista*
Martin Henneken *2.º Solista*
Levon Mouradian
Jeremy Lake
Raquel Reis
Jaime Polo*
Catarina Távora*
Lara Ariznabarreta*

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo *1.º Solista*
Domingos Ribeiro *1.º Solista*
Manuel Rego *1.º Solista*
Marine Triolet *2.º Solista*
Maja Plüddemann
Romeu Santos*
Vanessa Lima*
Gil Brito*

FLAUTAS

Cristina Ánchel *1.º Solista*
Ana Filipa Lima *1.º Solista**
Amália Tortajada *2.º Solista*

OBOÉS

Pedro Ribeiro *1.º Solista*
Nelson Alves *1.º Solista Auxiliar*
Alice Caplow-Sparks *2.º Solista*
Corne inglês

CLARINETES

Iva Barbosa *1.º Solista*
Telmo Costa *1.º Solista*
Ricardo Alves *1.º Solista**
José María Mosqueda *2.º Solista*
Clarinete baixo

FAGOTES

Ricardo Ramos *1.º Solista*
Vera Dias *1.º Solista Auxiliar*
Raquel Saraiva *2.º Solista*

TROMPAS

Gabriele Amarù *1.º Solista*
Kenneth Best *1.º Solista*
Luís Sousa *1.º Solista**

Eric Murphy *2.º Solista*
Darcy Edmondson-Andrade *2.º Solista*
Nuno Cunha *2.º Solista**

TROMPETES

Adrian Martinez *1.º Solista*
Carlos Leite *1.º Solista Auxiliar**
David Burt *2.º Solista*
Jorge Pereira *2.º Solista**

TROMBONES

Sérgio Miñana *1.º Solista*
Emanuel Rocha *1.º Solista**
Rui Fernandes *2.º Solista*
Pedro Canhoto *2.º Solista*
Tiago Noites *2.º Solista**

TUBA

Amílcar Gameiro *1.º Solista*

TIMBALES

Rui Sul Gomes *1.º Solista*

PERCUSSÃO

Abel Cardoso *2.º Solista*
Sandro Andrade *2.º Solista**
Duarte Santos *2.º Solista**
Tomás Rosa *2.º Solista**
José Vitorino *2.º Solista**

PIANO / CELESTA

Inês Mesquita *1.º Solista**
Taíssa Cunha *2.º Solista**

HARPA

Carolina Coimbra *1.º Solista**

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins,
Marta Ferreira de Andrade,
Raquel Serra e Fábio Cachão

31 out + 01 nov

Mattutino de' Morti

 GULBENKIAN
MÚSICA

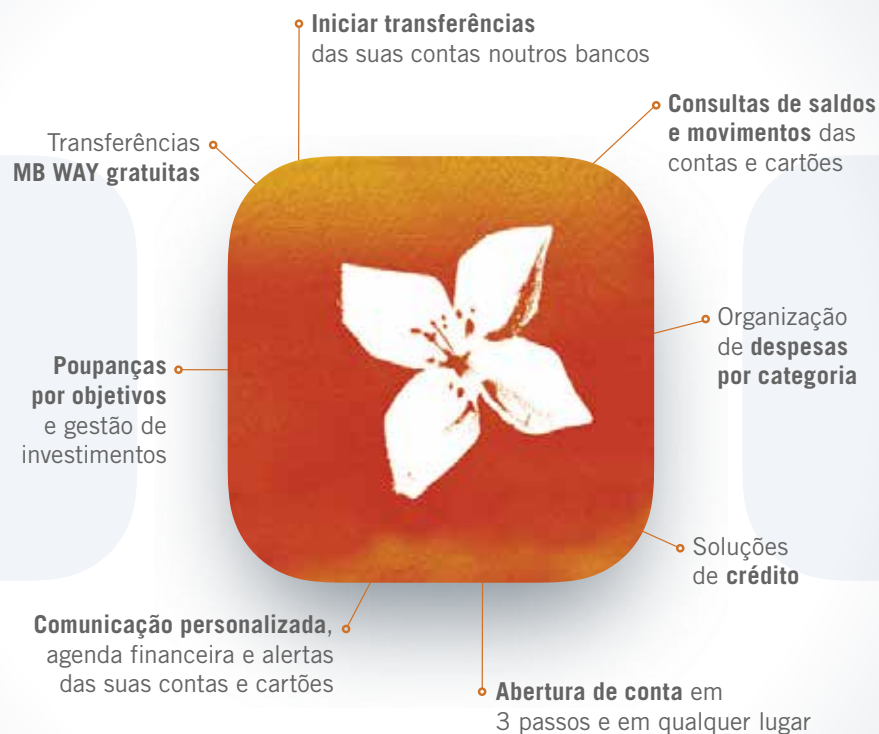
Coro e Orquestra
Gulbenkian

Perez
J. S. Bach

GULBENKIAN.PT



Com a BPI App pode ver todas as suas contas. Mesmo noutros Bancos.



A BPI App tem ^{quase} tudo.

A adesão à BPI App é gratuita. Adira já.
Saiba mais em bancobpi.pt



PROGRAMAS E ELENÇOS
SUJEITOS A ALTERAÇÃO SEM AVISO PRÉVIO.

Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público. Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

DIREÇÃO CRIATIVA
Ian Anderson
DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
The Designers Republic

TIRAGEM
400 exemplares
PREÇO
2€

Lisboa, Outubro 2019

